

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO  
SUL – UNIJUÍ  
DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO - DHE  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**Gonzalo P. Rohleder**

**A PULSÃO EM FREUD E A VONTADE DE POTÊNCIA EM  
NIETZSCHE: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL?**

**Ijuí - RS  
2014**

**GONZALO P. ROHLER**

**A PULSÃO EM FREUD E A VONTADE DE POTÊNCIA EM NIETZSCHE: UMA  
ARTICULAÇÃO POSSÍVEL?**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, como requisito parcial à obtenção do título de Psicólogo.

Professor Orientador: Valdir Kinn

**Ijuí - RS**

**2014**

*Dedico esse trabalho à Ana Paula que esteve comigo nos momentos mais felizes e difíceis de minha vida acadêmica e a meus pais que além do sustento material e afetivo, souberam contribuir e esperar meu tempo de formação humana.*

## **Agradecimentos**

Agradeço a contribuição de meus amigos Claudia Scaramussa e Ricardo Antônio Fitz nas discussões e reflexões sobre o tema apresentado neste trabalho. Tiveram parte essencial não só nele, mas em meu percurso de formação como um todo através das suas colaborações e amizades.

À Thiago de Lima pelas referências à obra nietzschiana que me levaram a buscá-la mais profundamente.

À minha família em geral pelo suporte e carinho oferecidos ao longo desses anos de academia.

Ao meu orientador prof. Valdir Kinn por me haver garantido o mais importante para a consecução desse trabalho, abertura e tempo.

Ao pessoal da “Cantina UM” pelo abastecimento de café e pelo ambiente oferecido o qual serviu de inspiração em minhas leituras, pensamentos e reflexões.

Aos professores do curso de Psicologia que promoveram minha formação e serviram de orientação na travessia dessa jornada.

À todos aqueles que cruzaram meu caminho nesses anos de estudo, que me favoreceram com sua amizade e aprendizado.

**Obrigado.**

*“Acabo exatamente de pegar as obras de Nietzsche onde encontrarei, espero, palavras para muitas coisas que permaneceram mudas para mim(...).”*

*(Freud, Cartas à Fliess)*

## RESUMO

O problema aqui apresentado interroga quanto a uma possível relação entre os conceitos de pulsão em Freud e vontade de potência em Nietzsche. Tendo a pesquisa bibliográfica como método, realizou-se uma análise comparativa entre os conceitos centrais destes autores. Utilizou-se como elemento adicional de comparação o termo alemão *Trieb*, que designa instinto, impulso, ímpeto ou pulsão, sendo uma unidade semântica central no trabalho de ambos. O uso de *Trieb* enquanto esquema-motor principal da vida reflete uma tendência em voga entre os filósofos naturalistas e as ciências da natureza no sentido de materializar a causa primeira dos fenômenos, retirando-lhes o transcendentalismo. Conforme vimos aqui, em Freud a pulsão (*Trieb*) possui elementos da física que imprimem sobre seus desdobramentos um caráter funcionalista ligado à inércia. Em Nietzsche Vontade de Potência e o impulso dela derivado representam o ímpeto da natureza em se atualizar incessantemente em movimentos autoafirmadores, ganhando expressão maior nos seres vivos. Complexifica-se no humano, onde o recurso à criação é apontado como redenção do conflito da existência. Enquanto em Freud prevalece a noção de conservação ligada à pulsão, os impulsos nietzschianos visam, sobretudo, ao transbordar vital da superação de si.

Palavras-Chave: vontade de potência, *trieb*, Impulso, pulsão, inércia, dionisíaco.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. NIETZSCHE E FREUD: UMA PROXIMIDADE DESAPROXIMADA.....</b>	<b>9</b>
<b>3. TRIEB: IMPULSO E PULSÃO.....</b>	<b>12</b>
3.1.    Trieb: Uma retomada histórica do termo em Nietzsche.....	13
3.2.    Trieb em Freud.....	17
<b>4. NIETZSCHE E A VONTADE DE POTÊNCIA .....</b>	<b>24</b>
4.1.    A Vontade de potência em Nietzsche e a pulsão em Freud.....	25
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Freud e Nietzsche influenciaram decisivamente o pensamento contemporâneo ocidental. Rebentos de uma *belle époque*<sup>1</sup>(Kujawski), testemunharam e anunciaram, respectivamente, uma transição fundamental na cultura decorrente da crise moderna do séc. XX. Desse modo, o projeto moderno centrado na universalidade da ciência cartesiana, passa a oscilar suas luzes diante do jogo de forças que se interpõe ao predomínio da racionalidade.

Essa *belle époque*, situada entre os séculos XIX e XX caracteriza-se pela ambiguidade de seus elementos. Nela os opostos se dinamizam sob a forma de elevação e declínio, apogeu e decadência concomitantes. A urbanização, a tecnologia a democracia e os ideais da revolução francesa de liberdade, igualdade e fraternidade parecem adquirir maior consistência. Mediada pelo capitalismo, a seu passo, a esfera de acesso às benesses da cultura, agora tão abundantes se amplia.

O florescimento vital possibilitado pela trégua de trinta anos entre Alemanha e França permitira um grande acúmulo de energia resultante em sua intensa atividade e dinamismo. Concentração essa que viria a atingir seu ápice no embate entre as forças políticas dominantes no mundo, “as grandes potências”. Assim, a abundância e esplendor modernos encontram a evidência de sua crise com o desencadear da primeira guerra mundial.

Retomando esse período de entusiasmo e agitação, aparentemente pródigo em vitalidade, podemos ver nele a atuação de um elemento em especial: “a euforia do poder”. “Cada um toma posse do que é seu: a febre da possessividade se alastra”(Kujawski, 1988, p.8). Assim, na aparente alegria e júbilo de viver encontramos, latente, “a alegria de mandar”, partilhada por um número maior de indivíduos por conta dos movimentos emancipatórios e da crescente profusão tecnológica.

Desse modo, ambiguidade e poder ilustram traços marcantes do pensamento de Freud e Nietzsche:

O impressionismo vienense, com seu culto da evanescência e da morte, entrelaçou Eros e Thanatos no mesmo abraço (...). Muito mais do que Paris, Viena dividia-se entre a ordem burocrática do dia e a paixão inebriante da

---

<sup>1</sup> Bela época, expressão francesa que designa um período cultural cosmopolita na história da Europa iniciado no fim do séc. XIX tendo seu fim com a I Guerra Mundial.



noite, divisão que Freud traduziria no conflito neurótico do consciente assaltado pelas pulsões do inconsciente. (KUJAWSKI, 1988, p.11).

A ambiguidade entre consciente/inconsciente ganha destaque na modernidade. Apolo e Dioniso<sup>2</sup> travam dura batalha pelo poder nesse momento onde o paradigma racional é contraposto pela irrupção da ótica irracionalista. Como representantes desse pensamento temos a filosofia de Schopenhauer<sup>3</sup>, assim como a de Nietzsche onde noções como vontade, instinto, impulso, força e potência são comumente usadas para designar os elementos originários da natureza. A ideia de poder (Macht) ou potência, porém, apresenta-se com maior expressão em Nietzsche, situada como cerne de sua filosofia.

Conforme indica Thomas Mann<sup>4</sup> (ASSOUN, p.53), Nietzsche e Freud são postos pelos intelectuais do entre-guerras como os iluministas (Aufklärer) modernos. Isso, pois, embora reconheçam a influência das “forças irracionais”, Freud visa resgatar para as luzes os elementos inconscientes. De acordo com Zweig<sup>5</sup> (*apud* ASSOUN 1991, p. 53) em Nietzsche, um traço similar se faz presente na passagem: “Quanta verdade suporta, quanta verdade ousa um espírito? Cada vez mais isto tornou, para mim, a verdadeira medida dos valores.” Ousadia essa pelo saber que marcaria uma fase “voltairiana”<sup>6</sup> de Nietzsche, no início de 1880. Desse modo, podemos inferir que ambos os autores condensaram, a sua maneira, a oposição de forças latentes na cultura sob a forma da razão e do irracional.

O ponto em destaque nesse trabalho, no entanto, recai sobre o uso do termo alemão *Trieb* por parte dos dois autores e o estudo de suas especificidades. Isso porque essa comparação acrescenta elementos para a análise dos conceitos de pulsão em Freud e vontade de potência em Nietzsche, sendo *Trieb* um termo evocado constantemente por este no sentido de representar uma força derivada da Vontade de potência emergente na natureza com seus ciclos, movimentos e metamorfoses.

<sup>2</sup> Ref. Apolíneo e Dionisíaco. Figuras estéticas onde Nietzsche utiliza elementos da mitologia grega para representar o complemento entre a plenitude do sonho e da visão, princípio ordenador das formas e do equilíbrio em oposição ao dionisíaco, do êxtase orgiástico que enfatiza o movimento do transbordamento vital que se reconfigura em constantes metamorfoses.

<sup>3</sup> Arthur Schopenhauer (1788-1860), professor e filósofo alemão do séc. XIX.

<sup>4</sup> Thomas Mann (1875-1955), romancista alemão do séc. XX, nobel de literatura em 1929.

<sup>5</sup> Stefan Zweig (1881-1942), escritor, romancista, poeta, dramaturgo e biógrafo austríaco de origem judaica.

<sup>6</sup> Referente a François Marie Arouet Voltaire (1694-1778), filósofo iluminista francês.

## NIETZSCHE E FREUD: UMA PROXIMIDADE DESAPROXIMADA

Falando da aproximação entre Freud e Nietzsche, vemos que a contemporaneidade de suas obras fora um tanto obscurecidas pela distância de sua maturação. Parafraseando Assoun (1991), sendo doze anos mais velho que Freud, Nietzsche é nomeado professor de filologia clássica em Basileia, na Suíça, quando aquele ainda não iniciara os estudos de medicina. A fase final de sua obra se dá quando Freud, por sua vez, principia a elaborar as noções elementares da psicanálise nas suas cartas a Fliess (1887-1889). Sua morte em 1900 é concomitante ao ano de publicação da obra freudiana “A Interpretação dos Sonhos”, quando Freud conta com 46 anos.

“Estes poucos pontos de referência bastam para ver que, cronologicamente, Nietzsche e Freud são bem contemporâneos, porém, enquanto o primeiro se expressa desde os 30 anos, Freud só se torna ele mesmo aos 40, no momento em que Nietzsche colocou um ponto final em sua obra. Quanto a Freud, desenvolverá a sua por quatro décadas após o desaparecimento de Nietzsche, o que oculta, de certo modo, sua contemporaneidade.” (ASSOUN, 1991, p.14)

Nietzsche teria aberto caminho como precursor mais próximo das reflexões subjacentes à psicanálise. Podemos ver isso quando Freud, talvez exageradamente, afirma: “Nietzsche foi um dos primeiros psicanalistas. É surpreendente até que ponto a sua intuição prenuncia nossas descobertas. Ninguém reconheceu tão profundamente o dualismo da conduta humana, a insistência do princípio do prazer em predominar indefinidamente”.<sup>7</sup>

No entanto, resulta-nos curioso o fato de dita influência apenas recentemente reaparecer de modo mais evidente através dos trabalhos que começam a explorar essa conexão. Não seria de surpreender se levamos em conta que o ofuscamento dessa relação de ideias iniciou-se a partir do próprio Freud ao admitir:

Li Schopenhauer muito tarde em minha vida. Nietzsche, outro filósofo cujas conjecturas e intuições amiúde concordam, da forma mais surpreendente, com os laboriosos achados da psicanálise, por muito tempo foi evitado por mim, justamente por isso mesmo; eu estava menos preocupado com a questão da prioridade do que em manter minha mente desimpedida. (1927, p. 37)

<sup>7</sup> Em entrevista concedida ao jornalista e escritor norte-americano George Sylvester Viereck, em 1926. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/230459112/Entrevista-Com-Freud>

Podemos pensar em Freud numa busca por preservar sua perspectiva teórica pretensamente provinda de sua prática clínica. Trilhara, então, o caminho da ciência para garantir a fundamentação de suas descobertas e um advindo reconhecimento. Embora tenha se interessado profundamente pela filosofia ao longo de sua formação, esta carecia de solidez diante quanto aos elementos teóricos que buscava explorar, sobretudo frente à comunidade científica.

Nietzsche, por sua vez, preferiu através dos aforismos e da poesia integrar saber e arte. Com isso buscara preservar um dinamismo e fluidez ao tratar das questões cuja humanidade levara, ao longo da história do pensamento, duramente “a sério”, como o papel dos valores, morais e ideais em torno dos quais a sociedade se desenvolvera. Tomara por pseudoproblemas as fundamentais questões filosóficas. Enganos derivados da confusão de se tomar os eventos percebidos como passíveis de encontrarem equivalência imediata na linguagem. Classificara como sedução da linguagem a expectativa de chegar-se à verdade acerca dos fenômenos, atacando como erro essencial a crença gramaticalmente formulada de sujeito e predicado. Assim, pretendia por abaixo o modelo científico estruturado entre causa e efeito, agente e ação.

Desde sua formação como filólogo clássico reconheceu o essencial papel da linguagem enquanto construção sócio historicamente condicionada. Estudando as línguas europeias fora percorrendo uma investigação acerca destes elementos condicionantes representados através dos conceitos e valores de cada tempo. Entendera estas formulações como derivadas de avaliações morais, exegeses na forma de “sintoma de determinadas constelações fisiológicas, bem como de um determinado nível espiritual de juízos dominantes. Quem explica? Nossos afetos.” (2001, pg. 160)

Nietzsche, por diversas vezes ao longo de suas obras referiu-se a si mesmo como psicólogo. Seu descrédito para com as sistematizações o deixara fora do círculo filosófico institucionalizado. Embora não tivesse formação específica em psicologia, portanto, sem uma prática clínica, suas observações prevaleceram sobre o aspecto filogenético do psiquismo.

Os autores partilham a noção de que o pensar se produziria inconscientemente. Seria efeito do embate e da articulação entre impulsos provenientes do corpo, onde algum destes hora se sobressai frente aos demais. Investigaram, portanto, as correlações, interações e condições pelas quais “Es” do

alemão, traduzido por “Isso” (Nietzsche já usara este termo em Além do Bem e do Mal [1887a] 1998, p.23) avança, é barrado e se transmuta psicicamente.

Esse termo configura um elo essencial de ligação entre eles, “a intervenção léxica de Nietzsche teve por efeito substantivar o ‘pronome pessoal’, ‘particularmente apropriado para exprimir o caráter essencial desta província psíquica, sua alteridade ao Ego (Ichfremdheit)”. (1991, p.80)

O elo entre Nietzsche e Freud certamente se estende para muito além do que fora possível apresentar neste trabalho. Mas desde já, como questão secundária à título de reflexão posterior interrogo: Considerando a aproximação entre os dois autores, por que o nome de Nietzsche difícil ou raramente é citado na academia?

## **TRIEB: IMPULSO E PULSÃO**

A palavra *Trieb*, no idioma alemão, possui caráter polissêmico. Segundo o tradutor e germanista Paulo César Souza esta pode designar instinto, impulso ou ímpeto. Sua preferência por instinto em detrimento de pulsão decorre do entendimento de que o segundo apresentaria maiores limitações e precariedades. Para ele, instinto demarca o sentido original de impulso natural, presente na origem do termo *Trieb*. Critica Laplanche e Pontalis pela preferência destes pela palavra pulsão, entendendo que com isso promoveram uma ruptura conceitual entre o animal e o humano. O elemento semântico inatista presente no termo instinto teria sido adicionado na contemporaneidade, pois para Souza não seria essa a noção subjacente na época de Freud.

Utilizamos neste trabalho os termos instinto, e mais propriamente impulso, para designar o *Trieb* nietzschiano. Por outro lado, a opção corrente por “pulsão”, que manteremos aqui para o *Trieb* freudiano, serviria para delimitar a compreensão psicanalítica sobre o psiquismo, distanciando-se da ideia de instinto (*Instinkt*), cujo objeto de satisfação estaria determinado hereditariamente conforme o sentido determinista atual. Consiste, pois, na preservação do sentido singular que o termo adquire de acordo com a perspectiva freudiana.

### 3.1 Trieb: Uma retomada histórica do termo em Nietzsche

A palavra Trieb surgira ao longo do séc. XVIII entre os naturalistas<sup>8</sup> desse período, sofrendo suas transformações até Nietzsche e Freud a encontrarem. O uso que estes autores fazem do termo, porém, denota radicais distinções. Para o autor: “O núcleo da noção vem do pré-romantismo alemão[...]Trieb floresceu na língua alemã no momento do Sturm und Drang<sup>9</sup> (força e ímpeto): ele designa o motor que age na realidade humana e exige ser vertido em discurso poético.”(ASSOUN, 1991, p.109) Nesse sentido, apresenta-se como força criadora própria do universo estético.

Interessante acompanharmos a descrição que Nietzsche faz de Goethe em *Crepúsculo dos Ídolos*:

Goethe não foi um acontecimento alemão, mas europeu. Uma tentativa grandiosa de superar o séc. XVIII mediante um retorno à natureza, mediante uma ascensão à naturalidade da Renascença, uma espécie e autossuperação por parte daquele século(...) O que ele queria era totalidade; ele combatia a separação entre razão, sensibilidade, sentimento e vontade(...) (2012, p.124)

Esse elogio concentra em si as características centrais do ideal nietzschiano do que seria uma natureza humana “bem constituída”, capaz de conter em si grandes antagonismos transmutando-os em algo superior a si mesmo. Nos dá também uma ideia enaltecida, porém, resumida do movimento pré-romântico do qual tratamos aqui.

Nietzsche frequenta o colégio de Pforta, por onde passaram Klopstock, Schlegel e Novalis, filósofos e poetas que se utilizam de “Trieb” para representar a natureza<sup>10</sup> através de suas forças moventes dos processos estéticos. Schiller e Hölderin, entretanto, incluem-se entre suas influências marcantes.

Toda a antropologia schilleriana (...) concentra-se na oposição de dois instintos fundamentais: o Sachtrieb e o Formtrieb. A primeira tendência leva

---

<sup>8</sup> Referente à filosofia naturalista, que se opõe à metafísica, ao sobrenatural ou espiritual, postulando a existência de leis e forças naturais operando no mundo material; em extensão, a ideia ou crença de que não existe nada além do mundo natural.

<sup>9</sup> Movimento literário romântico alemão de reação ao iluminismo do séc. XVIII onde destacaram-se Johann Wolfgang Goethe e Friedrich Schiller.

<sup>10</sup> Natureza, derivada do latim *natura*, corresponde à tradução da palavra grega *physis*. Representa uma qualidade essencial, a força que gera, o curso das coisas e o próprio universo. (HARPER, Douglas. [Nature](#) Online Etymology Dictionary.)

o homem em direção ao sensível, à realidade; o outro em direção à forma. Esta dualidade deriva da dualidade antropológica primária da pessoa (das bleibende) e de seus estados cambiantes. (1991, p.110)

Tais impulsos promoveriam um movimento antagônico complementar. Sachtrieb, enquanto impulso material corresponderia à sensibilidade do mundo condicionada pela limitação do tempo, onde o conteúdo experimentado seria acrescentado ao indivíduo sob a forma de “unidade quantitativa”. Formtrieb, o impulso formal, traduziria a tendência humana ao absoluto, guiado pela razão e livre dos limites temporais.

No primeiro caso, o sentimento se expressa atuante enquanto no segundo o pensamento é o protagonista. Há, no entanto, um terceiro impulso conciliador a promover essa complementaridade, o impulso lúdico (spieltrieb):

O impulso sensível quer que haja modificação, que o tempo tenha conteúdo; o impulso formal quer que o tempo seja suprimido, que não haja modificação. O impulso em que os dois atuam juntos (seja-me permitido chamá-lo impulso lúdico até que justifique a denominação) [...] seria direcionado, portanto, a suprimir o tempo no tempo, a ligar o devir ao ser absoluto, a modificação à identidade. Schiller (1990, *apud* SÜSEKIND, 2011, p.18

Schiller (*ibid*, p.19) enfatiza o papel dos impulsos lúdicos por servirem a uma unificação de conflitos onde o resultado seria o alcance da beleza. Esse impulso atua sobre a lebende Gestalt, a “forma viva”, “conceito que serve para designar todas as qualidades estéticas dos fenômenos, tudo o que em resumo entendemos no sentido mais amplo por beleza”.

Essa concepção do belo, presente já em Schopenhauer, aparecerá em Nietzsche e Freud associada ao processo de sublimação (Sublimierung). Schopenhauer enfatiza o papel da contemplação da beleza como resolução do conflito da existência humana. Freud valoriza sua condição de dessexualização pulsional que permite a construção da cultura enquanto Nietzsche além disso, preserva a essência naturalista desse impulso vital criador, o qual estaria para além das pretensões utilitaristas<sup>11</sup>.

Hölderin, discípulo de Schiller, formulara a teoria do “gênio, artístico e formador” (Kunst-undBildungstrieb), reduzido para Kunsttrieb (impulso apolíneo).

---

<sup>11</sup> O utilitarismo é uma doutrina ética defendida por Jeremy Bentham e John Stuart Mill que afirma que as ações são boas quando tendem a promover a felicidade e más quando tendem a promover o oposto da felicidade.

Para o autor, esse conceito representaria “um verdadeiro serviço que os homens prestam à natureza”.(apud ASSOUN, 1991, p. 111) Tendência essa expressa nas palavras de Zaratustra “O que a vida nos prometeu a nós, queremos-lo nós cumprir... à vida!” (1977)

Essas concepções chegam a Nietzsche que se apropriara delas para ressaltar a tendência para uma vitalidade artística intrínseca na natureza, da qual o homem extrairia a potência criadora. Portanto, *Trieb* seria um impulso derivado da natureza que retorna a ela sob a forma da obra de arte, preservando a relação entre vitalidade, potência e beleza como se vê em *Crepúsculo dos Ídolos*:

O homem que se encontra nesses estados transforma as coisas até que reflitam o seu poder – até que sejam reflexos de sua perfeição. Esse ter de transformar em perfeição é - arte. Mesmo tudo aquilo que ele não é se torna, apesar disso, um deleite consigo mesmo; na arte, o homem goza a si próprio como perfeição. (2012,p. 83)

Ralph Waldo Emerson também teria deixado sua marca sobre o *Trieb* nietzschiano. “Emerson mostrou a Nietzsche a função devastadora e purificadora do instinto. Assim, não é por acaso que desde 1862, em sua primeira crítica do cristianismo, Nietzsche cita Emerson e viaja com os Ensaios do mestre americano na mala.” (ASSOUN, 1991, p.112) Dita influência figuraria sobretudo no sentido abrupto como *trieb* emerge do conjunto das forças eternas da natureza encontrando expressão na individualidade humana.

Essa visão de Emerson servira para contrapor tanto as ilusões sustentadas pela tradição, bem como fazer uma oposição à tendência racionalista em voga. A partir disso, acrescenta-se a *trieb* uma dimensão de princípio motor naturalizado e autêntico, desmistificador e detentor de um “caráter estético-ético”.

Richard Wagner transmitira a Nietzsche o termo *trieb* permeado por uma dose extra de potência vital. “Na *Obra de Arte do Futuro* é introduzido o conceito central de *Lebenstrieb*: ‘Em tudo o que existe’, escreve Wagner, ‘o elemento mais poderoso é o instinto vital; ele é a força irresistível que reúne as condições nas quais surgiram os seres, animados ou inanimados.’”

Wagner mostra-se essencialmente naturalista ao representar a natureza enquanto poder, sendo a “substância cósmica em sua unidade e potência, fecundidade inesgotável e sempre renovada, e o elemento original em sua simplicidade e inocência. (1991,p.113) Tanto o *Trieb* nietzschiano quanto a noção geral de *Vontade de potência* são devedores dessa perspectiva.



Importante ressaltar o que Wagner entende por necessidade. Representaria essencialmente “autenticidade”. “É o campo do Unwilkür (não arbitrário ou efetivo), que se opõe ao campo do Willkür (artificial).”(1991,p.113) Nesse sentido, o efetivo teria a ver com o impulso vital criador. O artificial, com as produções humanas que não se achem vinculadas diretamente a essa força primordial, como as instituições sociais e toda obra onde predomine o intelecto abstrato.

Apesar da influência de Schopenhauer sobre Nietzsche, é a leitura wagneriana sobre aquele que imprime maior relevância ao pensamento deste:

Talvez fosse o caso de atribuir maior importância ao componente wagneriano que ao componente schopenhauriano. Mesmo em pleno período schopenhauriano, Nietzsche fala mais frequentemente e com mais boa vontade em termos de instintos que em termos de vontade. (1991,p.114)

Oficialmente o uso do termo Trieb por Nietzsche ocorrera inicialmente na Basileia em 1869. Ressaltara a condição de impulsos que se mostram em “feixes”. “O que predomina neles é uma diversidade fervilhante, que faz com que Nietzsche evoque frequentemente os impulsos na modalidade do etc.”(Ibid,p.95)Essa descrição de impulsos variados encontra-se também em Freud (1916), mas fundamentalmente é em Heráclito<sup>12</sup> que temos uma profusão de deuses na condição de agentes das atividades relevantes do mundo.

Além de variados, os impulsos configurariam a autêntica efetividade dos fenômenos transpostos sob a forma de realidade (Wirklichkeit):

Supondo que nenhuma outra coisa seja “dada” como real a não ser o nosso mundo de apetites e paixões, que não possamos descer ou subir a nenhuma outra “realidade” a não ser justamente à realidade de nossos impulsos – pois pensar é apenas um modo de comportar-se desses impulsos uns em relação aos outros(...) (2002, p.62)

Em Genealogia da Moral, por exemplo, Nietzsche utiliza o termo Trieb, para abordar as alterações psicossomáticas oriundas do estabelecimento de um convívio em sociedade, cuja alteração essencial apontada pelo autor seria o padecimento sob a má consciência. “A partir de então deveriam andar com os pés e ‘carregar a si mesmos’, quando antes eram levados pela água[...]nesse novo mundo não mais possuíam os seus velhos guias, os impulsos reguladores e inconscientemente certos...” (p. 67).

---

<sup>12</sup> Heráclito de Éfeso(535 a.c.-475 a.c.) , filósofo grego pré-socrático a quem é atribuída a criação da dialética, marcando o dinamismo da natureza enquanto constante fluir, o devir. A filosofia nietzschiana fora profundamente influenciada por este autor.

Desse modo, vemos a descrição de impulsos atuantes de forma inconsciente onde repousaria certa semelhança com a causalidade postulada pelo determinismo psíquico freudiano. A distinção central seria a tendência nietzschiana em apostar nesses impulsos como conservadores e condicionadores da vida, desconsiderando o papel de uma instância equivalente ao superego freudiano para tanto.

Nossas percepções, como nós as entendemos: isto é, a soma de todas aquelas percepções cuja conscientização era útil e essencial para nós e para todo o processo orgânico antes de nós: portanto, não todas as percepções de um modo geral. Isto é: nós temos senso e sentido só para uma seleção de percepções – aquelas que sejam decisivas para nós nos mantermos. Consciência existe à medida que consciência é útil. Não há dúvida de que todas as percepções dos sentidos estão completamente impregnadas por juízos de valor (útil/prejudicial – portanto agradável ou desagradável). (2002, p. 158)

Quanto ao papel da consciência em Nietzsche, este “(...)chega mesmo a supor que a consciência só se desenvolveu sob a pressão da ‘necessidade de se comunicar’, consecutiva à vida social.”(p.191) A consciência, por ser a instância mais tardia a se desenvolver na humanidade seria também a mais frágil e superficial. “Onde a consciência começa a falar, o essencial já aconteceu – e se perdeu ou se mascarou”.(p.191) Ao invés disso, caberia ao homem reconhecer a si mesmo desde a fonte imediata de suas potências, o corpo, promovendo uma espécie de fusão entre o Isso e o Eu.

### **3.2 Trieb em Freud**

Na fase inicial de seus estudos Freud estivera sob profunda influência da filosofia e do pré-romantismo, sobretudo na figura de Goethe. “É simbólico que Freud declare haver optado pela medicina após ter ouvido o poema de Goethe que exalta o poder criador e reparador universal da natureza”(1991, p.114)

Essa inspiração, porém acaba quase subjugada pela mudança de perspectiva exigida pelo método físico-matemático, onde Trieb é dissecada de seu componente vital. Na física aparece sob a forma “triebekraft” figurando a noção de uma força motriz movente de um sistema. Assim, a visão fisicalista<sup>13</sup>, se torna predominante, imputando à pulsão características de “atração e repulsão” próprias dessa disciplina:

---

<sup>13</sup> Doutrina filosófica segundo a qual a linguagem da física deverá ser a linguagem de toda a ciência.

A origem imediata da concepção freudiana de pulsão é, portanto, menos plural: ela se alimenta inteiramente do modelo fisicalista que o discurso anatomo-fisiologista forjou, de Helmholtz a Brücke. A pulsão, nele, acha-se estreitamente inserida no sistema material de forças que define o organismo. Aparece nele, portanto, como uma realidade residual e diferencial dentro de um sistema físico(...) (ASSOUN, 1991, p.115)

Contudo, Freud não abandona certa referência lírica e mitológica conforme veremos nas recorrentes citações de Schiller e Goethe em suas obras. Essa influência dos mitos gregos se vê especialmente na denominação que lega às pulsões fundamentais em sua segunda tópica, Eros e Tánatos, pulsão de vida e pulsão de morte: “A libido de nossas pulsões sexuais coincidiria com o Eros dos poetas e filósofos, que mantém unidas todas as coisas vivas”.(1985)

O termo Pulsão teria sido utilizado inicialmente em Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905) segundo Laplanche e Pontalis, referindo-se precisamente ao seu aspecto libidinal. No entanto, Gomes adverte sobre sua aparição anterior: “No ‘Projeto’, Freud ([1895]/1975, parte I, item 10, pp. 324-325) propõe a ideia de que o sistema psíquico está exposto a quantidades de excitação provenientes do interior do corpo (os estímulos endógenos) e nisto se encontra a mola pulsional (Triebfeder) do mecanismo psíquico.”

Inicialmente Freud (1914) aborda a temática pulsional desenvolvendo-a concomitantemente à sua teoria da libido.

Libido é uma expressão derivada da teoria da afetividade. Chamamos assim a energia considerada como uma grandeza quantitativa (*quantitativegrösse*) de determinadas pulsões – embora não mensurável atualmente – relacionadas com tudo o que se pode entender como amor. (Freud *apud* ASSOUN, 1991, p. 160)

Por meio desta, postula a divisão entre pulsões do Eu e pulsões sexuais, onde a libido corresponderia à energia sexual passível de investimento. Encontra alguns elementos para formular essa hipótese através da análise das neuroses de transferência. Além disso, a inexistência de uma teoria das pulsões o leva a recorrer a figurações próprias da biologia, onde a influência energetista das ciências naturais se revela.

Seguindo essa via, propõe a existência na infância de uma relação libidinal primária com o próprio Eu. Derivadas deste, as relações de objeto se dariam somente à posteriori. O indivíduo estaria dividido numa “dupla existência”. Por um lado, seguiria os impulsos destinados a promover o próprio organismo e, por outro,

constituiria um “elo” involuntário na corrente biológica que transcende cada individualidade. Para pensar essa divisão inicial da libido Freud recorre ao poema de Schiller (*apud* ASSOUN) “Os sábios” que diz: “Esperando que a filosofia sustente o edifício do mundo, a natureza mantém sua engrenagem através da fome e do amor.” (p. 164)

Nesse momento, Freud admite a possibilidade da pulsão consistir numa unidade energética que somente adquire a condição de libido ao vincular-se aos objetos. Desconsidera, porém, a relevância dessa questão. Julga mais seguras as noções constitutivas da teoria da libido, de base parcialmente biológica, dispondo-se a substituí-la conforme o avanço de seu trabalho analítico.

Desenvolvimentos significativos são produzidos subsequentemente no sentido de sistematizar e caracterizar “a pulsão e seus destinos”. Freud (1916) conceitua a pulsão (Trieb) como um representante dos estímulos endógenos que atingem o plano mental. Estaria situada no intervalo entre o corpo e o psíquico. Essa abordagem representaria uma retomada de suas especulações acerca da antítese entre estímulos internos e externos ao organismo, presente em seu projeto para uma psicologia científica (1895).

Freud (1916), descreve o termo Trieb como “um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique” (p.148). Diferentemente dos demais impulsos aos quais o organismo estaria sujeito, a pulsão seria um estímulo cuja origem residiria no interior desse organismo.

Importante lembrar que isso não aponta um caminho de mão única do organismo ao psíquico. Sua teoria da sexualidade (1905) postula o corpo como sendo passível de sofrer os efeitos do psiquismo a partir da conversão de certas partes em zonas erógenas. Estas últimas se organizariam ao longo do desenvolvimento psicosexual.

O sexual é então o que se realiza com o genital, mas já está ali, no “prazer dos órgãos”. Esta é a aplicação do princípio bioenergético, segundo o qual o produto de um processo se de desenvolvimento deriva, em seu modo de existência, da existência do próprio processo.(...) O papel determinante da sexualidade em Freud provém portanto, paradoxalmente, de sua indeterminação e não-exclusividade: porque a libido encontra sem cessar um princípio antagônico é que ela comprova seu poder na vida psíquica. (ASSOUN,1991,p.174)

Para Freud (1916), a palavra mais adequada para caracterizar um impulso pulsional seria a “necessidade”, sendo esta eliminada pela satisfação. Retirado da

biologia, o conceito de “finalidade” encontra-se intimamente ligado à busca operada pelo sistema nervoso em reduzir os estímulos que lhe chegam ao menor nível de excitação possível. Essa elaboração representa o cerne do “princípio do prazer”, onde o psíquico busca “dominar os estímulos”, internos e externos, de modo particular considerando a origem destes.

Os estímulos (fisiológicos) externos compreendem o conjunto de excitações provenientes de fora do organismo. Produzem tensão pelo acúmulo de excitação levando à reação reflexa de “afastamento”. Isso ocorre de modo mecânico, por atividade muscular visando isolar o sistema nervoso da fonte externa de estímulos.

Quanto aos estímulos internos, também classificados como impulsos pulsionais, pode-se dizer que exigem um mecanismo defensivo mais complexo e elaborado. O fato da fonte de estímulos ser interna e constante inviabiliza o mero afastamento físico por via muscular. Por isso o aparelho psíquico precisa servir-se de “atividades complexas e interligadas” visando empreender uma defesa frente ao acúmulo excitatório. Tais impulsos seriam os organizadores e condutores do desenvolvimento atravessado pelo sistema psíquico.

Como características fundamentais da pulsão teríamos a constância de sua força, ou pressão (Drang), sua origem no corpo (Quelle), sua meta (Ziel) que seria a satisfação e a finalidade (Objekt), cujo objeto seria indefinido.

A força apresenta-se como a tendência móbil da pulsão. Essa pressão constante (Konstantkraft) resulta em sua característica geral. Com o uso do termo Trieb Freud preservou a característica de constância deste impulso, distinguindo-o dos estímulos próprios do sistema nervoso. Desse modo, cada pulsão representa sempre uma parcela de atividade. Pode ainda representar-se de modo passivo, porém, somente no que diz respeito a sua finalidade. Nesse sentido a passividade nunca é absoluta, existindo uma atividade subjacente a cada oferta passiva da pulsão. (ver infra p. 11)

A pulsão teria por meta a satisfação, obtida pela eliminação do tensionamento produzido pela fonte pulsional. Tal rebaixamento ou redução, no entanto, pode ser obtido a partir de uma variada série de caminhos e percursos. Essas vias podem inclusive conduzir os impulsos a pontos próximos ou convergentes de satisfação.

Por objeto da pulsão entende-se aquilo que viabiliza o atingimento de sua satisfação, Diz respeito aos meios pelos quais ela a alcança. Sendo de caráter

variado e indefinido, o objeto acha-se passível de substituição constante, presentificando-se inclusive no próprio corpo. Eventualmente, diferentes pulsões podem se satisfazer por meio de um mesmo objeto, resultando numa “confluência libidinal”, termo atribuído à Adler por Freud.

A fixação da pulsão ocorre quando esta se encontra comprometida em sua mobilidade de investimento. Nessa condição, operar-se-ia uma ligação íntima e indissolúvel com um objeto privilegiado em especial. Esse fenômeno costuma apresentar-se nas etapas iniciais do desenvolvimento libidinal podendo comprometer ou impedir os enlaces subsequentes dessa energia ao longo das fases posteriores.

A fonte da pulsão deriva de um processo somático, podendo situar-se num órgão específico ou numa parte do corpo em especial. Os impulsos que aí se originam atingem o plano psíquico, mas nesse momento Freud afirma desconhecer a natureza desse processo. Pelo contrário, considera a questão da fonte pulsional como algo alheio ao interesse de seus estudos. Postula que, por vezes, pode-se deduzir a fonte das pulsões de acordo com suas metas, mas tal conhecimento não mostra-se relevante para ele até então.

Já em *O Eu e o Isso* (1925) Freud afirma: “O corpo, principalmente sua superfície, é um lugar do qual podem partir percepções internas e eternas simultaneamente. (...)O Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície.” A condição desse corpo acha-se para além da dimensão puramente biológica. Constitui um “invólucro pulsional”, uma superfície indissociável do Eu marcada pela incidência plasmadora do Isso onde o psíquico e o somático se inscrevem.

Traçadas suas características, apresentamos agora as variadas transformações atuantes sobre a vida dos pulsões (*triebeleben*). Freud apontara a existência de um infinito número de pulsões, podendo-se inferir uma para cada atividade humana. A primeira questão trata da variância pulsional, daquilo que as distinguiria entre si. Nesse ponto, as diferentes intensidades de energia de cada impulso fariam valer sua atuação específica no plano mental, bem como a fonte de onde estes derivam:

Devemos supor que as diferentes pulsões oriundas do corpo e atuantes na psique também se caracterizam por diferentes qualidades, e por isso se comportam de maneira qualitativamente diversa na vida psíquica? Tal não se justifica; basta recorrer à suposição mais simples de que as pulsões são todas qualitativamente iguais, devendo o seu efeito apenas às magnitudes de excitação que conduzem, e talvez também a determinadas funções

dessa quantidade. O que diferencia as operações psíquicas das pulsões entre si pode ser relacionado à variedade das fontes pulsionais. (p.60)

Freud destaca quatro mecanismos específicos inerentes à pulsão: A reversão ao oposto, o retorno ao eu, a repressão e a sublimação. Esses desvios teriam um papel defensivo contra a atividade satisfatória da pulsão.

A reversão ao oposto subdivide-se em conversão da atividade em passividade e inversão de conteúdo. No primeiro caso, a meta pulsional apresenta-se invertida. Passa, então, da atividade para a passividade alterando radicalmente o modo pelo qual se satisfaz. Para ilustrar essa operação o autor utiliza como exemplo os pares de opostos sadismo-masiquismo e voyeurismo-exibicionismo.

No caso da inversão de conteúdo, essa estaria presente estritamente na transformação da qualidade da pulsão indo do amor ao ódio:

Ora a observação clínica nos mostra que o ódio é não somente o inesperado acompanhante regular do amor (ambivalência), não apenas o seu frequente precursor nas relações humanas, mas também que o ódio, em várias circunstâncias, transforma-se em amor, e o amor, em ódio.(1925, p.53)

Além disso, tal ambivalência teria sua origem numa suposta mescla pulsional não consumada. Freud supõe a possível existência de uma base energética comum, presente no Eu ou no Isso, capaz de ceder sua força a impulsos eróticos ou destrutivos acentuando-os em suas possibilidades de investimento.

No retorno ao eu dado impulso que antes se dirigia para um objeto externo se desloca, passando a incidir de volta sobre si mesmo.

A volta contra a própria pessoa nos é sugerida pela consideração de que o masiquismo, afinal, é um sadismo voltado contra o próprio eu, e o exibicionismo inclui a contemplação do próprio corpo. A observação psicanalítica não deixa dúvidas quanto ao fato de que o masiquista também frui da fúria contra a sua pessoa e o exibicionista, do seu desnudamento. O essencial no processo, portanto, é a mudança de um objeto com a meta alterada. (p. 65)

A repressão, por sua vez, constitui outro destino da pulsão onde esta se apresenta inibida em sua atividade devido a uma defesa psíquica contra o desprazer que decorreria de sua satisfação. Seria possível que individualmente dada pulsão ocasionasse prazer em sua consecução, porém, estando comprometida com outras pulsões, seu exercício poderia resultar conflitante para o eu. “Ela causaria, por conseguinte, prazer num lugar e desprazer em outro.”(p.170)Além disso, o conteúdo

reprimido imprime constante esforço por se representar exigindo que o trabalho de repressão se torne igualmente incessante.

O quarto mecanismo defensivo seria a sublimação, que permite à pulsão uma satisfação substitutiva daquela que encontraria junto ao objeto sexual. Nela a energia libidinal é desviada para fins “socialmente aceitáveis”, representando um papel central na construção cultural. Assim, opera-se certa reconciliação entre desejo e lei (cultura) permitindo uma resolução menos conflituosa dessa oposição, como vemos a seguir:

A psicanálise mostrou que são sobretudo, embora não exclusivamente, impulsos pulsionais sexuais que sucumbem a essa repressão cultural, Uma parte deles exhibe a valiosa característica de se deixar desviar dos objetivos imediatos, e assim põe sua energia, como tendências ‘sublimadas’, à disposição do desenvolvimento cultural.(1923, p.248)

Sua teoria final das pulsões (1920) inclui a diferenciação entre pulsão de vida e de morte. A primeira estaria associada ao caráter reprodutivo da espécie, enquanto a segunda refletiria a tendência intrínseca do organismo em retornar a sua condição anterior à vida. Embora em oposição, num ponto mais radical tal antagonismo se dissolveria em decorrência da aspiração de toda vida em direção à morte. Freud imputaria à pulsão o papel restaurador de uma anterior condição perdida, a não existência:

O ser vivo elementar não pretenderia mudar desde o seu início; permanecendo iguais as condições, ele repetiria sempre o mesmo curso de vida.[...] Seria contrário à natureza conservadora das pulsões que o objetivo da vida fosse um estado nunca antes alcançado. Terá de ser, isto sim, um velho estado inicial, que o vivente abandonou certa vez e ao qual ele se esforça por voltar, através de todos os rodeios de seu desenvolvimento. [...] o objetivo de toda vida é a morte... (1985, p. 204)

Podemos ver aí um caráter regressivo da pulsão, que sob a forma de pulsão de morte operaria silenciosamente numa inércia ativa. Em O Eu e o Isso, Freud afirma que caberia à Eros, por outro lado, intervir com seus arroubos produzindo tensão. O Isso, sede das pulsões, operaria no sentido de livrar-se dessas moções pulsionais (Triebregungen) desprazerosas, sobretudo através da explosão do ato sexual. Outra parte do trabalho seria realizada pelo Eu, através dos seus mecanismos sublimatórios.

Ao longo de seu trabalho Freud destacara a pulsão sobretudo sob o aspecto quantitativo, mas passa a indicar nela também um elemento qualitativo que é a pulsão sexual, a libido. Desse modo a separa dos demais impulsos psíquicos,



confirmando que a pulsão, devido a sua origem corporal excitatória nas zonas erógenas seria, em sua generalidade, pulsão sexual.

## NIETZSCHE E A VONTADE DE POTÊNCIA

“Der WilleZurMacht”, conceito alemão central em Nietzsche, exige cuidadosa apreensão desde a sua tradução. Frequentemente transposto como vontade de poder, utilizar-se-á aqui a expressão “vontade de potência” por parecer mais adequada àquilo que se revela no conjunto de sua obra. Isso porque a palavra “poder” tende a dizer de uma condição humana de deliberação sustentada na força ou autoridade. “Potência”, por outro lado, pode abarcar um conjunto de efetivações em nível cosmológico como pretendia Nietzsche:

Este mundo: uma monstruosidade de força, sem início, sem fim; uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, que não se consome, mas apenas se transmuda, inalteravelmente grande em seu todo;[...] como jogo de forças e ondas de força, ao mesmo tempo um e múltiplo, aqui acumulando-se e ao mesmo tempo ali mingando; um mar de forças tempestuando e ondulando em si próprias, eternamente mudando, eternamente recorrentes; com desconunsais anos de retorno[...]esse meu *mundo dionisíaco* do eternamente-criar-a-si-próprio, do eternamente-destruir-a-si-próprio, esse mundo secreto da dupla volúpia, esse meu "para além de bem e mal", sem alvo, se na felicidade do círculo não está um alvo, sem vontade, se um anel não tem boa vontade consigo mesmo -, quereis *um nome* para esse mundo? [...] - *Esse mundo é a vontade de potência - e nada além disso!* E também vós próprios sois essa vontade de potência - e nada além disso! (Nietzsche,1978, p. 397)

Nietzsche teria resgatado o termo “Vontade” de Schopenhauer (2001), preservando seu caráter de força impessoal mobilizadora de todos os fenômenos danatureza (inspirado na leitura wagneriana de Schopenhauer). Nesse sentido, Vontade de Potência diria respeito a um impulso constante na busca de um acréscimo de satisfação com sua efetivação. Como o autor apresenta em Além do Bem e do Mal:

(...)é preciso arriscar a hipótese de que por toda parte onde se reconhecem ‘efeitos’, vontade atua sobre vontade – e de que todo acontecer mecânico, na medida em que uma força se torna ativa nele, é justamente força da vontade, efeito da vontade.(...)(2012,p.63)

Vontade de potência configura, portanto, o esquema-motor principal da fenomenalidade, peça central em toda causalidade.

Essas considerações nos ajudam a distanciar a noção que Nietzsche imprime do termo Vontade, em contradição ao sentido historicamente relacionado ao livre-arbítrio e a consciência como vemos a seguir:

A mais antiga e mais prolongada psicologia estava obrando aí, e ela não fez outra coisa: para ela, todo acontecimento era um agir, todo agir era consequência de uma vontade, o mundo se transformou para ela numa multiplicidade de agentes, um agente (um “sujeito”) foi imputado a todos os acontecimentos. O homem projetou para fora de si os seus três “fatos interiores”, aquiloem que firmemente acreditava, a vontade, o espírito e o eu(...) (2009,p.52)

A Vontade de Potência, portanto, seria um impulso motor sob o caráter de força constante. Quanto a sua origem, ele a coloca como força onipresente atuante nos fenômenos naturais, sobretudo no vivente. “Onde encontrei o vivo, encontrei Vontade de Potência...”, pois para Nietzsche (*apud* ASSOUN):

O que reina na natureza não é a miséria, mas a profusão (Überfluss), a prodigalidade, de modo até absurdo. A luta pela vida é apenas uma exceção, uma restrição momentânea do querer-viver; os grandes e pequenos combatentes visam onde quer que seja à preponderância, à extensão, ao poder, conforme a vontade de potência, que é precisamente vontade de vida.(1991, p.152)

Esse fragmento denota claramente a lógica da vontade de potência e do *Trieb* nietzschiano, que é a do transbordamento vital, da força germinativa da natureza presente no homem, incisiva em cada atividade ou ação, excepcionalmente na criação e no estabelecimento de vínculos que sirvam como meios de exceder a si dominando.

#### **4.1 A Vontade de potência em Nietzsche e a pulsão em Freud**

No que diz respeito ao objeto dos impulsos, em “Assim Falou Zaratustra” ficara posta a ausência de objeto definido para a satisfação humano, questionando a própria ideia de humanidade a partir disso. O objeto buscado seria aquele cuja posse ou usufruto garantiria um maior domínio e fruição por parte da potência.

Para Nietzsche, a vontade de potência sob a forma de impulso levaria a uma incessante busca por mais atividade de superação de resistências e através destas mais satisfação, “o prazer na vitória”. Seria um movimento crescente cada vez mais múltiplo e complexo, num acréscimo de sua intensidade à medida em que consome a si mesmas em jamais se extinguir pois o impulso (*Trieb*) “Ao agir, ele sacrifica força e outros impulsos”(apud ASSOUN,1991,p.163). Uma força que eleva, atrai, e busca

por resistências externas (desprazer) que exijam de si o aumento de sua potência de domínio (prazer), mesmo ao custo do próprio aniquilamento. Destruir criando, como diria o pensador. Criticando a busca pela felicidade através da racionalidade, Nietzsche afirma:

Na verdade o homem não quer a 'felicidade'. O prazer é um sentimento da potência: quando se excluem as paixões, excluem-se as condições que provocam o sentimento de potência ao mais alto grau, e conseqüentemente o prazer. A mais alta 'razoabilidade' é um estado frio e claro que está longe de provocar aquele sentimento de felicidade que traz consigo toda espécie de *embriaguez*... (2002, p. 80)

A condição conservadora dos impulsos estaria presente em Nietzsche de modo próximo ao conceito de pulsão de vida ao postular:

Sem a associação conservadora dos instintos, se essa associação não fosse infinitamente mais poderosa que a consciência, não haveria regulador: a humanidade sucumbiria sob o peso de seus juízos absurdos, de suas divagações, de seus juízos superficiais e de sua credulidade, numa palavra, de sua consciência, ou antes, não existiria mais há muito tempo! (2002, p.48)

Essa conservação, porém, não é a meta e sim uma condição momentânea na luta pela sobrevivência, a ser superada para que os impulsos sigam seu curso. A vontade de potência se expressaria numa via agonística de superação das oposições e transição para um estágio superior de efetividade. A vontade estaria próxima a um *pathos*, uma força da qual se padece, cuja meta seria uma busca por mais potência. Porém, existiria um outro caminho pelo qual a dinâmica das forças se desenrola: o niilismo.

Nietzsche destinara boa parte de suas obras à temática do niilismo. Identificara nele um sintoma derivado da incapacidade e frustração da vontade humana em estabelecer seu domínio através das avaliações dos fenômenos, restando-lhe apenas o sem sentido. Seria esse niilismo negativo, onde "nada faz sentido", uma manifestação típica da decadência, acentuada com a modernidade e o rompimento com as tradições.

Associada a isso, poderíamos colocar a "vontade de aniquilamento". Enquanto a vontade de potência permitiria lograr novos saltos a partir dos próprios ciclos de decadência, reerguendo-se desde um "excedente de forças plásticas e regeneradoras", a vontade de aniquilamento seria a desintegração do vivo mediante a própria impotência: "uma profunda diminuição e um desmilinguir da vontade para o poder, uma sensível redução energética." (2002, p.100) Seria pois, efeito de uma

recusa e negação de vida. “O grande engano dos psicólogos consistia em eles não conseguirem separar essas duas espécies de bem-estar: o adormecer e a vitória.” (2002,p.100) Existiria então, para Nietzsche, um prazer ligado à letargia do organismo devido a sua diminuição energética, além daquele vinculado ao domínio e o aumento da potência.

Portanto, vontade de potência seria vontade de mais potência, de mais vida, de eternidade, mesmo ao custo do sacrifício e aniquilamento. Eis a fórmula que culmina no eterno retorno, a afirmação do círculo de Zarathustra. Será que com Vontade de potência e Vontade de aniquilamento poderíamos representar um dualismo nietzschiano? Não se considerarmos esse aniquilamento como resultante de uma desarmônica relação entre impulsos, onde um deles em especial isola-se tornando-se absoluto frente aos demais. Seria o caso, por exemplo, do impulso do conhecimento e do impulso histórico que para Nietzsche quando isolados, acabam por dissecar a própria vida:

Vangloriam-se de que a “ciência começa a reinar sobre a vida” (...) uma vida assim dominada não vale muito, porque é muito menos vida e traz em germe menos vida vindoura que vida de outrora, regida não pelo saber, mas pelo impulso e por poderosas ilusões. (Apud Assoun,1991, p. 178)

Seguindo a influência da tríade pulsional de Schiller, Nietzsche aposta no impulso estético como força equilibradora de complementaridade junto ao impulso do conhecimento. A arte seria a saída para o crescente movimento decadente da modernidade, empobrecida em forças pela primazia da racionalidade.

O conceito de Vontade de Potência poderia sintetizar em si o jogo estético entre o apolíneo e o dionisíaco. Um o princípio das formas, da permanência, condensador, construtivo, correspondente ao sonho em seu aspecto de imagem reveladora. O outro um princípio dispersivo, relativo ao êxtase, a embriaguez e o torpor. Esses pólos corresponderiam a Eros e Tánatos, a pulsão de vida e pulsão de morte freudiana? Para Nietzsche:

A embriaguez apolínea mantém excitado sobretudo o olho, de modo que ele recebe a força visionária.(...) No estado dionisíaco, por outro lado, o sistema inteiro de afetos é excitado e intensificado, de modo que descarrega todos os seus recursos expressivos de uma só vez e libera ao mesmo tempo a força de representar, imitar, transfigurar e transformar(...) (2012, p. 84)

Eros e Tánatos, por sua vez, remetem primeiramente à condição fiscalista da atração e repulsão. Freud comenta que: “(...)parece uma tentativa de transfiguração teórica da banal oposição entre amor e ódio, que talvez coincida com aquela outra polaridade de atração e repulsa, que a física supõe no mundo inorgânico”. (1936, p.252) Embora os dualismos sejam semelhantes, estes últimos pólos não possuem a condição ampla. Apolíneo e dionisíaco não representam individualmente vida ou morte, sendo esta decorrente apenas do desajuste entre o jogo dos impulsos, levando à desagregação ou paralisia.

Nietzscheem *Além do Bem e do Mal* (2012) tem uma visão específica da psicologia que em alguns aspectos se aproxima da abordagem freudiana do inconsciente e sua crítica à ciência até então vigente enuncia: “Até agora, toda psicologia ficou presa a preconceitos e temores morais: ela não se arriscou nas profundezas” (p.46). Esse trabalho, porém, não é fácil uma vez que:

Uma verdadeira fisiopsicologia tem de lutar com resistências inconscientes no coração do investigador, ela tem ‘o coração’ contra si: já uma teoria do condicionamento mútuo dos impulsos “bons e dos “maus”provoca, como uma imoralidade mais sutil, aflição e desgosto (...) (p.46)

Vemos o traço fisiologista do impulso nietzschiano, onde o corpo aparece, sobretudo, como provedor energético. Assim como em Freud, a fonte de Trieb é o corpo, mas diferentemente é o corpo enquanto materialização da Vontade de potência, o Si mesmo, que está para o Eu assim como o Isso aparece em Freud. “O si mesmo diz ao Eu: ‘Agora, sente dor! Então o Eu sente dor (...) O Si mesmo diz ao Eu: ‘Agora sente prazer!’ Então o Eu sente prazer”. (apud ASSOUN,1991,pg. 198)

Complementando esse distanciamento em relação à psicanálise freudiana, vemos a expectativa de Nietzsche quanto à psicologia: “(...) Concebê-la como morfologia e teoria do desenvolvimento da Vontade de potência, como eu a concebo – ninguém tocou nisso ainda, sequer em pensamentos.” (2012, p. 46) Essa morfologia seria o estudo da manifestação dos impulsos (Trieb) enquanto vontade de potência.

O dualismo pulsional freudiano de amor e ódio, Eros e Tánatos interligados, interdependentes e complementarmente dispostos nos indica certa relação com a concepção dos impulsos nietzschiana quando este expressa em *Além do Bem e do Mal*:

Supondo-se, porém, que alguém considere que mesmo os afetos do ódio, da inveja, da cobiça, da ambição de poder são afetos condicionantes da

vida, são algo que precisa existir na economia global da vida de modo fundamental e essencial e, por conseguinte, que ainda devam ser intensificados caso se deva intensificar a vida(...).(2012, p. 46)

Essa passagem nos oferece algo da perspectiva trágica cunhada por Nietzsche onde a vida adquire seu status, seu valor, às custas da dor e de seus aspectos mais assombrosos. O excesso dionisíaco é predominante em sua descrição dos impulsos, onde o transbordamento vital atua fecundamente no jogo do devir.

Essa condição é contraposta ao *trieb entrópico*<sup>14</sup> freudiano centrado na tendência ao esvaziamento e à inércia do princípio do prazer (*lustprinzip*). Conforme indica Assoun:

Paradoxalmente, ao invés de insistir no aumento de energia que representa e produz a pulsão, Freud a define como exigência, imposta do exterior, de produzir um excesso de trabalho. Como não encontrar nesta ideia uma forma rejuvenescida, em plena elaboração metapsicológica, do velho princípio da inércia?(...) é a contragosto que o psiquismo produz: é esta obrigação penosa que a pressão pulsional notifica. É verdade que o prazer é sua gratificação, mas somente através de um esforço que o sistema psíquico sai de sua letargia natural. (1991,p.107)

Vemos que o *Drang* (ímpeto, força), derivado do *Sturm und Drang*, perde sua carga semântica ao descaracterizar sua “afirmação explosiva” de força atuante. Essa exigência de trabalho possui uma condição acentuadamente funcional. O elemento orgiástico da força vital sofre uma redução significativa. Falando da pulsão o autor segue: “É apenas como intervalo entre uma falta a ser preenchida e uma falta preenchida, que ela encontra sua fora de afirmação, ontologicamente precária.” (p.108) Seguindo essa ideia, Assoun postula:

Esta representação entrópica do sistema nervoso é fundamentalmente fisicalista. Observemos que esta tendência incoercível a esvaziar-se, característica dos elementos nervosos, equivale a voltar ao estado bruto. Ela é a consequência obrigatória da própria excitação.(...) A universalidade do princípio de inércia é a expressão deste energetismo fisicalista. (1991, p. 104)

Fica evidente, portanto, certa distância de perspectiva sobre o impulso (*Trieb*), logo, a *Vontade de Potência* em Nietzsche, e a *Pulsão* freudiana. A primeira carrega uma condição positiva, de vitalidade transbordante inerente a si mesma, com uma efetividade (*verwecklichen*) capaz de atualizar os movimentos da natureza. Quanto à

---

<sup>14</sup> Conceito da termodinâmica que mede a energia não utilizada em trabalho dentro de um sistema, a qual acaba perdida. Força espontânea associada à desorganização sistemática.

segunda, constitui um resíduo decorrente das excitações produzidas no ser sensível que, “como seu modelo fisicalista, deriva sua necessidade do fato de objetivar uma carência”.(1991, p.116)

Haveria, porém, um ponto de aproximação significativo no que tange ao caráter quantitativo da energia libidinal em Freud. Nietzsche aborda a sexualidade numa via próxima da teoria da libido. Para ele, a sexualidade seria também a representação da vontade de potência:

Mas é o amor sexual que se revela mais nitidamente como desejo de posse: aquele que ama quer possuir, somente para ele, a pessoa que deseja, quer ter um poder absoluto tanto sobre sua alma como sobre seu corpo, quer ser amado unicamente e instalar-se na outra alma, nela dominar como o que há de mais elevado e mais admirável. (NIETZSCHE, 2001, p.52)

Segundo Assoun, seria em relação à libido, então, que a noção de Vontade de potência se encontraria mais aproximada e passível de articulação. Ambos conceitos atuariam como causa primeira da fenomenologia humana, na condição de “princípio explicativo energético e qualificado”(1991, 162). Mas o sexual para Nietzsche ainda carrega a noção do orgiástico, do excesso e transbordo dionisíaco. A vida que excede a si mesma. Não como em Freud, uma urgência de vida vinculada à carência e a busca por completude. O princípio nietzschiano segue a lógica da superação e dominação, o freudiano o princípio do prazer. Para Nietzsche o impulso não busca um estado anterior de coisas ou a manutenção do estado atual. Anseia por uma condição de efetividade ainda não atingida.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui realizada teve por objetivo principal considerar a possível relação conceitual entre a Vontade de potência em Nietzsche e a Pulsão em Freud, tomando como elemento privilegiado de comparação o termo *Trieb*, em voga nas produções de ambos os autores. Para isso, acompanhamos a origem histórica desse conceito e as variações semânticas que lhe foram agregadas ao longo do tempo. O modo como o conceito surge em Nietzsche e em Freud, de forma específica. Vimos os elementos subjacentes à cunhagem do termo *Trieb* em cada autor que refletiram nas respectivas obras e ideias.

Acompanhamos o conceito de Pulsão em Freud desde sua origem conforme nos apresenta em suas obras, observando suas características principais e suas “vicissitudes” no psiquismo. Indo do primeiro dualismo da teoria da libido com as pulsões do Eu e as pulsões sexuais até a segunda tópica onde o conflito passa a ser entre Eros e Tánatos, pulsão de vida e pulsão de morte.

O conceito de Vontade de potência fora explorado conforme se apresenta ao longo dos escritos nietzschianos. Abordou-se este conceito e suas características centrais em conjunto a elementos derivados como as figuras ético-estéticas do apolíneo e dionisíaco, o trágico em Nietzsche e a sexualidade.

Certamente essa proposta de análise comparativa deixa em aberto diversos aspectos que podem ser mais profundamente abordados. A pesquisa serviu, contudo, para chegar a hipóteses gerais e abrangentes sobre dita relação conceitual. A contribuição bibliográfica de Paul Laurent Assoun com sua obra “*Freud e Nietzsche: Semelhanças e Dessemelhanças*” fora essencial para confirmar certas noções que preservava de forma latente ou vaga sobre o tema e, sobretudo, lançar luz sobre outros aspectos que me eram ignotos até então.

Seguindo a linha de tais hipóteses, Vontade de potência e Pulsão confluíram no sentido de configurarem princípios energéticos descritivos de uma dinâmica antropológica. Mas enquanto uma possui a influência histórica da filosofia naturalista e do movimento pré-romântico, bem como do vitalismo do compositor Richard Wagner, a outra preserva acentuadas marcas do modelo fisicalista e biológico das ciências naturais, seja pela inércia ou entropia condicionantes de sua lógica, mas também do pessimismo schopenhauriano.



O viés freudiano de pulsão que equipara a tendência de atração e repulsão, presentes na física, talvez coloque certos limites na apreensão do movimento vitale seus desdobramentos. A Transposição de um modelo aplicado à matéria para o organismo vivo parece deixar algo para trás. A abordagem sob a ótica funcionalista do princípio do prazer desconsidera a dinâmica energética autoafirmadora da natureza e o fundo ético-estético apregoado a ela por Nietzsche. Pode ser que Freud se revele demasiado apolíneo em sua abordagem científica para adentrar no templo de Dioniso e captar o que lá ocorre.

Enquanto no primeiro modelo a atividade decorre de modo reflexo e residual às excitações que apontam uma carência visando a complementaridade, o segundo prevê a busca de um estado de coisas além, numa atualização constante onde a natureza supera a si mesma. A ênfase dada pelo autor ao processo de criação o demonstra, e vemos como este se distancia da criatividade freudiana. Isso porque os impulsos atuam de modo indiferente ao utilitarismo. Servir a uma função social e ser aceito por ela não enquadra essa noção de criação, que é sempre a de algo que ainda não compareceu. A exigência ético-estética é essa, que se opõe a uma mera busca por subsistência e conservação através da sublimação freudiana. Onde Freud vê tendência por conservação, Nietzsche visualiza movimento de superação.

Em Nietzsche, a Vontade de potência representa seu monismo descritivo dos fenômenos, onde os antagonismos dessa vontade seriam decorrentes da variância quantitativa de sua energia em desprendimento. O próprio mundo inanimado seria a fonte primordial dessa vontade, enquanto estado latente e em potência de vir a ser vida. Cada impulso (Trieb) é vida em potência buscando “alimento”, satisfação. O conflito ocorre entre impulsos, não para com agentes externos, como é o caso da lei em Freud.

Apesar da pretensa neutralidade ao se levar a cabo um trabalho comparativo, falar em neutralidade soa até grosseiro num trabalho que trata de autores como Nietzsche e Freud. Considero a perspectiva freudiana essencial na esquematização e descrição dos processos psíquicos, organização essa inédita até sua obra. Porém, deixo expressa a perspectiva nietzschiana como predominante em minha abordagem.

Usualmente busco tomar essas perspectivas como complementares, onde uma acaba por revelar algo que da outra escapa, ou confirmá-la com novas cores e elementos. Nesse sentido julguei importante a pesquisa, pois abre campo para a

reflexão e construção de especulações e hipóteses que possam enriquecer o pensamento na academia, território onde a contribuição nietzschiana raramente aparece.

Dita complementaridade segue aberta em possibilidades. Certamente esse processo possui suas limitações as quais temos de nos haver ao confrontarmos esses dois pensadores do Trieb. Cabe-nos refletir sobre essas perspectivas sem a intenção de encontrar uma verdade final sobre o tema, mas repensarmos o que cada uma pode contribuir de acordo com o uso que desejamos fazer delas. Essencialmente, julgo válido interrogarmo-nos quanto a o que essa conjugação ainda nos permitirá fazer e construir?

## REFERÊNCIAS

- ASSOUN, Paul Laurent: Freud e Nietzsche - Semelhanças e Dessemelhanças. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1991.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. In: edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Um Estudo Autobiográfico, 1927 Inibição, Sintoma e Angústia, Análise Leiga e outros trabalhos*. ESB Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- \_\_\_\_\_. *O ego e o id, 1923*. In: \_\_\_\_\_. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos(1914-1916) tradução e notas de Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.*
- NIETZSCHE, Friederich. *Assim falou Zaratustra* (tradução de Mário da Silva). São Paulo: Civilização Brasileira, 1977.
- \_\_\_\_\_. *A Gaia Ciência* (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed. 2001.
- \_\_\_\_\_. *Além do Bem e do Mal* (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras , 2ª ed. 2012.
- \_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos* (tradução, apresentação e notas de Renato Zwick). Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Fragmentos Finais* (tradução e organização de Flávio Kothe) Brasília: Editora UNB, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral* (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras , 1999.

\_\_\_\_\_ *O Eterno Retorno*. In: Nietzsche, *Obras Incompletas*. Trad, Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo:Abril, 1978.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. São Paulo: Contraponto. 2001.

SÜSSEKIND, Pedro (2011). O impulso lúdico: Sobre a questão antropológica em Schiller. *Revista Artefilosofia*[Online]. Ouro Preto, n.10, p. 11-24, abr.2011.Disponível em [http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia\\_10/Pag\\_9\\_O\\_Impulso\\_Ludico.pdf](http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia_10/Pag_9_O_Impulso_Ludico.pdf)